

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO POR MEIO D' OS INCRÍVEIS ARTEFATOS DA PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA¹

Josiele Kaminski Corso Ozelame¹
Gizelle Kaminski Corso²

RESUMO: Considerando a enorme influência que os artefatos culturais têm para o público infanto-juvenil, funcionando como uma espécie de transição e transmissão de conhecimentos e valores, vemos nas produções cinematográficas, mais especificamente no filme *Os Incríveis*, fonte de pesquisa e análise no sentido de produzir identidades. A escolha do objeto de estudo justifica-se devido à produtora Walt Disney ter se tornado um sinônimo e referência em animações para o público infantil, pelas quais são (re)produzidos valores por meio das personagens que repassam modos de conduta, hábitos, ideais físicos, entre outros. Nesse sentido, a família de super-heróis "aposentados" (*Os Incríveis*) vem a ser um poderoso manancial de investigação na construção de sujeito, nas concepções de homem, mulher, menino e menina, apresentados no filme. Por meio da combinação som/imagem tem-se uma gama de estereótipos de gênero os quais, por meio do entretenimento, produzem uma visão particular da construção social da criança.

PALAVRAS-CHAVE: identidade do sujeito; *Os Incríveis*; família

Continua...

¹ Texto apresentado no Simpósio Temático "Questões de gênero na literatura e na produção cultural para crianças", e publicado nos Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2006.

² Professora Dra. da Unioeste, campus Foz do Iguaçu, curso de Letras. Email: Josicorso@gmail.com

³ Doutoranda em Literatura pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

ABSTRACT: Considering the enormous influence that cultural artifacts have on children and youth, working as a kind of transition and transfer of knowledge and values, we see in films, specifically in *The Incredibles*, a source of research and analysis to produce identities. The choice of this object is justified by the fact that the producer Walt Disney has become a synonym and reference in animations for children, which (re)produce values through the characters who pass modes of conduct, habits, physical ideals, among others. In this sense, the family of the retired superheroes (*The Incredibles*) becomes a powerful source of research in the construction of subject because the concepts of man, woman, boy and girl, featured in the film. The combination of sound/image reveals the range of gender stereotypes which, through entertainment, elaborates a particular vision of the social construction of the child.

KEY-WORDS: identity of the subject, *The Incredibles*, family

Conhecida mundialmente como um dos principais ícones de divulgação cultural, a Walt Disney é uma incansável máquina de produzir imagens felizes, agradáveis aos olhos e aos ouvidos e de fácil “degustação”. Por meio de suas produções (e por que não dizê-lo, manipulações), a Disney Company negligencia grandes batalhas culturais entre o presente e o futuro, reescrevendo identidades históricas e, até mesmo, inventando outras. Ao contrário do que se pensa, a empresa não apenas cria e produz filmes, e ocupa-se das Disneylândias pelo mundo espalhadas, mas lida com várias formas de divulgação da cultura por meio de estações de televisão, gravações de discos, publicações de livros, e adaptações de romances, peças, poemas, biografias, por exemplo, em filmes a serem exibidos, inicialmente, em canais por assinatura e no cinema.

Por intermédio de seu implacável “poder” de persuasão e de sedução, que ingenuamente atrai espectadores mirins pela via da diversão e do entretenimento, a Walt Disney infiltra-se nos lares com um objetivo camuflado: o do consumo, estabelecendo-se como um dos maiores produtores de filmes longametragem, especialmente, baseados em contos de fadas. Aperfeiçoando técnicas de animação, e preenchendo os filmes com enredos básicos, repetitivos, que aparentemente são os mesmos e trocam apenas de personagens e cenários, a inovação dá-se em aspectos visuais, no trabalho com a câmera, no melhoramento das tonalidades e cores, na trilha sonora, possibilitando, assim, maior sincronia ao espectador.

O maniqueísmo (bem *versus* mal) está praticamente presente em todas as produções, apostando na caracterização de personagens bondosos em adoráveis e divertidos, e maldosos, em trapaceiros, malcriados, brigões e gananciosos. Assim, por meio de imagens e sons, essas personagens produzem inquietações em espectadores de diversas faixas etárias, e influenciam na construção de identidades, atingindo, principalmente, aqueles que são seu público-alvo: as crianças.

Devido à produtora ter se tornado um sinônimo de referência de desenhos e filmes infantis, nos quais são (re)produzidos valores por meio das personagens que repassam modos de conduta, hábitos, ideais de aparência, entre outros, o filme *Os Incríveis*, produzido em uma parceria da Walt Disney e Pixar, vem a ser um poderoso manancial de investigação na construção do sujeito, produzindo uma gama de estereótipos de gêne-

ro.

O filme narra a história de uma família de super-heróis não-atuantes, que foram convidados pelo governo a se “apresentarem” devido a problemas com cidadãos normais. O filme, escrito e dirigido por Brad Bird e produzido por John Walker é permeado de ações e situações engraçadas, mas não se encerra apenas nisso. Elas vão ao encontro de discussões políticas, sociais e familiares, as quais influenciam diretamente na construção da identidade do sujeito. Embora todos os super-heróis sejam incumbidos de salvar o mundo, possuam uma identidade secreta para executar suas façanhas, poderes especiais e força extraordinária a serviço do Bem, eles são acusados de comprometer o “livre arbítrio” dos cidadãos que não pretendem viver, impedindo-os de cometerem suicídio.

O mundo quer que os super-heróis se adaptem a uma vida normal, assim, a família formada pelo casal, Sr. Incrível e Mulher-Elastico, e pelos filhos Violeta, Flecha e Zezé, constitui manancial e fonte de referência para as crianças, principalmente com relação aos valores, caracterizados pela família de classe média, composta nos padrões tradicionais, pai, mãe e filhos. A família Pêra protagonista do filme *Os Incríveis* é composta por um pai fortão, Roberto (“Beto”), musculoso, capaz de enfrentar qualquer perigo para salvar alguém, transmitindo para a criança a imagem de um “porto seguro” no qual ela pode abrigar-se, sabendo que ali nada poderá lhe acontecer. Uma supermãe elástica e flexível, Helena, que se desdobra (estica-se) para dar conta das tarefas domésticas, administração da casa, alguém que ampara e educa os filhos. Uma adolescente tímida, complexada e muito retraída, Violeta (“Vi”), que gostaria de ser normal, como as meninas de sua idade, as quais não possuem poderes. A menina pode tornar-se invisível num piscar-de-olhos e também criar campos de força esféricos para proteção. Outro membro da família, Flecha Roberto, irmão de Violeta, é o oposto: faz travessuras na escola, é veloz, hiperativo e, diferentemente dela, vê sua anormalidade como virtude. O interessante é que esse personagem evolui durante a trama, aprendendo a lidar e controlar seu super poder, podendo competir na modalidade de atletismo na escola, algo que muito almejava. Zezé, o bebê da família, considerado normal durante toda a trama, apresenta seus poderes apenas no final do filme, mudando sua aparência, transformando-se inclusive em *gremlim*.

Nesse sentido, é possível salientar a importância das personagens supracitadas como elementos de identificação para a criança/sujeito, pelas quais busca semelhanças e procura incorporar as características que considera relevantes, descartando, inconscientemente, aquelas que não contribuem para seu crescimento e sua formação.

Partindo da ideia de que atualmente a 'família' não é mais tida como único símbolo de alicerce para o desenvolvimento pleno do sujeito, isso faz com que as crianças identifiquem-se com os personagens e voltem seu olhar para os valores até então um pouco apagados. A família é o princípio de articulação de muitos dos filmes da Disney, como por exemplo, *Procurando Nemo*, *A pequena Sereia*, *Rei Leão*, entre tantos outros. Filmes que fisgam o telespectador por meio de histórias comoventes, que salientam a importância da família, um símbolo de união e poder.

Segundo Henry A. Giroux (1995), a Disney define sua visão do capitalismo, do gênero e da identidade nacional por meio da família branca, nuclear, de classe média, que se torna referência para articular o consumismo. Nesse sentido, La Taille (2002) afirma que a formação infantil permeia por duas grandes fontes educacionais que são: família e escola, que tentam deixar claros os valores e definições sobre uma vida plena. Com o passar do tempo os valores aprendidos na família e na escola vão perdendo terreno, e quem encontra espaço para implantar diferentes valores é a mídia, voltada para o mercado de consumo e superficialidade. As crianças são diretamente influenciadas pela produção e pelo consumo de conceitos sobre o que o conjunto social acredita ser importante. Assim, o que é produzido para elas nunca é ingenuamente lançado ao mercado, pois vem carregado de interesses culturais, políticos e econômicos.

Sabe-se que a mídia é altamente persuasiva no que diz respeito às crianças, modificando hábitos e transformando mentes. Seria bastante benéfico se houvesse uma preocupação maior com a formação educacional e menos com beleza estética dos personagens que são configurados como seres estereotipados em aspectos de perfeição, como é o caso da personagem Miragem, a sedutora representante de Síndrome, com cabelos loiros, estatura alta e sensual; e Helena, a Mulher-Elástico, retratada como a esposa ideal, inteligente, divertida, bonita, além de muito sexy, por possuir quadris largos, pernas bem

torneadas, cintura fina e usar roupas colantes. O filme causa nos seus espectadores uma falsa impressão de realidade, na qual é impossível deixar as emoções de lado, delimitar identificação ou oposição aos personagens, pois é possível sentir, por meio deles, alegrias e sofrimentos, angústias e felicidades, certezas e dúvidas.

É difícil ficar inerte a esses aspectos, pois o filme funciona como uma espécie de espelho, o qual projeta uma possível autoimagem que se reflete na imagem do sujeito. Assim, o filme passa a potencializar a formação de valores, a vincular o discurso sobre a realidade que, apesar de parecer neutro/ingênuo ou inofensivo, favorece alguns “pré-conceitos” estabelecidos pela própria mídia e que a sociedade os acolhe.

Segundo Ruth Francini Ramos Sabat (2002), a mídia tem buscado a normalização por meio da anormalidade de outras identidades que se constituem de formas diferentes das hegemônicas. Há algum tempo, ela vem trabalhando em favor de sujeitos bonitos e de corpos perfeitos, que possivelmente constituirão uma família por meio da união legal preferencialmente através do casamento.

Os filmes vêm cada vez mais conquistando as crianças que são seduzidas por um mundo completamente fantasioso, no qual o bem sempre vence o mal, bandidos são presos ou exterminados, e a princesa sempre é salva e termina a história ao lado de seu príncipe, constituindo o desfecho final “viveram felizes para sempre”.

A criança transfere essas experiências para o seu cotidiano, mas muitas vezes acaba se decepcionando ao perceber uma sociedade tão utópica, na qual sua vida é muito distinta daquela proposta pelos vídeos. Pensar na questão identitária do sujeito sugere reflexões acerca da diferença. A identidade construída a partir do olhar do outro só é fortalecida pelo que o outro não é. A partir do momento que o sujeito tem o poder de negar, ele afirma. É uma política dicotômica, repleta inclusive de várias marcas de negação cultural.

Na personagem Síndrome, por exemplo, há uma caracterização de uma imagem que está na zona da anormalidade, e longe da perfeição, um menino que possui características negativas como, a raiva, a inveja, o desejo de destruição e de principalmente usurpação, alimentado pelo de substituir o Sr. Incrível. Nesse sentido, ele reúne todas as qualidades não dese-

jadas pelas crianças: feio, malcriado, teimoso, e sendo desprovido de poderes especiais, cria para si, a fim de tornar-se super-herói, poderes artificialmente programados.

Por meio dos diálogos com os filmes a criança constrói a sua significação. A recepção desse meio audiovisual depende dos elementos escolhidos por ela para que dê sentido ao conteúdo simbólico. Algumas desencadeiam a assimilação partindo da sua vida pessoal, vivência familiar; outras permeiam pelo campo de sua origem social e história, e outras ainda, procuram significados no grupo ao qual pertencem. Para Judith Butler (1999), é necessária a existência de um espaço de abjeção (exterior ao sujeito) que opere “dentro” do sujeito por meio da (des)identificação. É então que se demarca o ponto de legitimidade.

Pode-se dizer que é um filme sem contra-indicações, pois aborda os mais diversos temas, enfocando principalmente a ideia de que para ser um super-herói não é necessário ter super-poderes. Além desses aspectos, o filme privilegia também crise da meia idade, insatisfação no trabalho, tédio de fazer o que não se gosta, responsabilidade social do detentor de poderes, necessidade de aceitação do diferente, envolvimento com a coletividade e alguns outros mais que são importantes para a formação da criança. Dessa forma, as crianças ficam envolvidas com os dilemas emocionais e morais que vivem no dia-a-dia. Esses aspectos estão ligados diretamente a questões familiares e individuais, que fazem com que as crianças assimilem ou pelo menos tentem, por meio das situações ficcionalizadas vividas pelos personagens, separar o “joio do trigo”.

O filme propicia a assimilação de novas sensibilidades, e ao dialogar com as crianças permite que elas identifiquem aspectos importantes, como família, amizade, coletividade, diversidade, além da força e da coragem. Ele promove ao espectador mais do que fantasia, proporcionando à criança a oportunidade de escolher elementos característicos das personagens sejam eles, físicos ou psicológicos, os quais, além de contribuir para o desenvolvimento do imaginário da criança, promovem o controle das situações, o poder de elas conduzirem o seu próprio destino e de aceitarem o próprio eu, tornando-se indivíduos mais críticos.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do 'sexo'*. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 153-172.
- GIROUX, Henry A. *Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney*. In: SILVA, Tomás Tadeu da.(Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ, Vozes: 1995. p. 132-158.
- JOBIM e SOUZA, Solange. (Org.). **Infância e Linguagem**. Campinas: Papirus, 1994.
- OS INCRÍVEIS. Brad Bird. (dir.), EUA, DVD, 115 min. Título Original: **The Incredibles**.
- TAILLE, Yves de La. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: editora Ática, 2002.

Enviado em: 05/02/2010 - Aceito em: 30/03/2010